

Palacio das Necessidades — Desenho de Nogueira da Silva

Quando em 1599 Lisboa se viu assolada por uma horrivel epidemia, chamada a *grande peste*, pelos immensos estragos que fez, morrendo só na cidade mais de setecentas pessoas por dia, as familias que dispunham de alguns recursos fugiam espavoridas em busca de abrigo longe da capital.

A Ericeira foi então um logar de refugio para muitas pessoas. Entre estas contavam-se dois conjuges, moradores na freguezia dos Anjos, os quaes, durante todo o tempo da sua estada n'aquella villa, frequentavam com grande devoção uma pequena ermida de Nossa Senhora da Saude, que havia nas proximidades da povoação. Acabado o contagio, como estivessem para se recolher a Lisboa, e julgassem dever a sua salvação á intercessão da Virgem Maria, resolveram furtar a pequena imagem de Nossa Senhora, que se venerava na dita ermida, e á qual com tamanha fé haviam recorrido em suas tribulações.

Regressaram os consortes á capital, trazendo a imagem, que por alguns annos conservaram em sua casa. Depois, sollicitando esmolas para lhe erigir uma capella, offereceu Anna Gouvêa de Vasconcellos um terreno para a edificação, que possuia no alto de Alcantara. Fez-se a obra, concorrendo com algumas quantias uma irmandade de maritimos, que então se creou para servir a Senhora.

Começando os maritimos a pegar-se com a santa imagem em todas as suas afflicções, em breve cresceu esta em fama de milagres. D'aqui lhe veiu o nome de Nossa Senhora das Necessidades, pois que promptamente acudia ás de todos aquelles que imploravam a sua protecção.

Passados bastantes annos, Pedro de Castilho, do conselho del-rei D. João IV, comprou umas casas, que Anna Gouvêa tinha junto da capella, e reconstruindo-as para sua residencia, ficou com o padroado da ermida, pelos annos de 1659.

A devoção da familia real para a imagem de Nossa Senhora das Necessidades começou em D. João IV, que ahi ia de vez em quando. D. Pedro II e sua primeira mulher a rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, tambem frequentavam a miudo a mesma capella por occasião das suas visitas e estada no proximo palacio de Alcantara, hoje mais conhecido pelo nome de Calvario. Esta rainha fez varias obras e aformoseamentos na ermida.

Adoecendo gravemente el-rei D. João V, em 1742, fez conduzir para a sua camara a imagem de Nossa Senhora das Necessidades. Melhorou e restabeleceu-se el-rei, e em agradecimento fundou um templo mais espaçoso e mais rico, no local d'aquella ermida, e dedicou-o á mesma Senhora, dando-lhe a prerogativa de capella real.

Junto da egreja mandou construir um palacio, e na quinta contigua que comprou a Balthasar Pereira do Lago, e que depois engrandeceu e aformoseou, edificou um convento para os congregados de S. Filippe Nery. Começou-se esta obra em 1743, sob a direcção e risco do architecto Caetano Thomaz de Sousa, e concluiu-se em 1750.

Pouco depois de acabado o palacio foi residir n'elle o infante D. Manuel, e mais tarde o infante D. Antonio, ambos irmãos del-rei D. João V. Era habitação do infante D. Antonio, quando succedeu o terremoto

de 1755, que não causou estragos no palacio, nem na capella, damnificando apenas um pouco o convento, que em breve foi reparado.

Nos reinados de D. José I e de D. Maria I hospedaram-se n'este paço varios principes estrangeiros. Os ultimos que ahi residiram, durante a sua estada em Lisboa, foram os filhos de Jorge III de Inglaterra, o principe de Galles, depois rei com o nome de Jorge IV, e seus irmãos.

Posteriormente esteve n'este paço a academia real das sciencias. Em 1821 ficou celebre na historia de Portugal o convento de Nossa Senhora das Necessidades, porque n'elle se reuniram as nossas primeiras côrtes constituintes, cujas sessões se faziam na grande sala da livraria, que para esse fim se adaptou e ornou convenientemente.

Em 1833 foi escolhido aquelle palacio por S. M. I. o duque de Bragança, regente do reino, para habitação de sua augusta filha, e desde então tem sido a residencia ordinaria dos nossos soberanos.

Pela extincção das ordens religiosas, em 1834, annexou-se ao paço o edificio do convento para accommodação da familia e das diversas repartições da casa real, fazendo-se em ambos os edificios muitos melhoramentos. Porém no anno de 1845 é que se fizeram as obras mais consideraveis no palacio para augmento e adorno dos aposentos. Durante esse tempo, que passou de um anno, foi a familia real habitar nos paços de Belem.

As mortes prematuras de S. A. o principe D. Augusto, e de sua esposa, a sra. D. Maria II, cobriram de lucto este paço e toda a nação em abril de 1835, e em novembro de 1853. Um successo fatal, ainda recente, deu-lhe tristissima celebridade europea. Foi a catastrophe, que em novembro do anno passado arrebatou ao amor e ás esperanças dos portuguezes o sr. D. Pedro V, e S. A. o infante D. Fernando, que ahi falleceram ao cabo de curta enfermidade; e S. A. o infante D. João, que, ferido do contagio e da dor pela perda de seus augustos irmãos, finou-se no mez seguinte nos paços de Belem.

O palacio de Nossa Senhora das Necessidades, chamado communmmente por abbreviatura palacio das Necessidades, não tem a grandeza propria da residencia de um soberano, mas, em compensação, encerra salas riquissimas, guarnecidas com muito esmero e magnificencia; muitas obras de primor nos differentes ramos de bellas-artes, d'entre as quaes especificaremos a bella collecção de paineis del-rei o sr. D. Fernando, e a numerosa baixella de oiro e prata, pertencente á corôa, tão preciosa pela quantidade e valor intrinseco das suas peças, como pela elegancia das fórmas e delicadeza do trabalho, vindo juntar-se a muitas d'ellas o merecimento da antiguidade e o interesse da historia.

Contém além d'isto um gabinete de physica e uma bibliotheca no edificio do convento, os quaes pertenciam aos padres Nerys; as livrarias particulares del-rei D. Pedro V de saudosa memoria, e del-rei D. Fernando, abundantes de livros raros, edições de luxo, e manuscriptos estimaveis; um rico museu creado pelo sr. D. Pedro V, sendo principe real, e pelo sr. infante D. Luiz, e modernamente muito augmentado; e em fim uma curiosa collecção de armas antigas, propriedade do sr. D. Fernando.

Na capella ha algumas boas pinturas de artistas nacionaes, magnificas alfaias e paramentos, e vasos sagrados de muita riqueza. Entre os ultimos acha-se a celebre custodia do mosteiro de Belem [1], mandada fazer por el-rei D. Manuel do primeiro oiro que veiu da India, e doada por este monarcha áquelle mosteiro. É de exquisito lavor e excellente trabalho, no gosto da architectura gothica; sendo guarnecida de pedras preciosas. Chamava-se Gil Vicente o eximio artista que a fez.

[1] Vid. pag. 241 do II vol.

As estatuas de S. Filippe Nery e de S. Francisco de Sales, que estão na frontaria do templo, sobre o portico, e a de S. Pedro, ao lado da porta, foram executadas por Alexandre Giusti, insigne esculptor, que veiu de Italia para assentar a capella de S. João Baptista, na egreja de S. Roque, e que trabalhou tambem nas obras de Mafra. A estatua de S. Paulo, que está do outro lado da porta, foi feita por José de Almeida, um dos melhores esculptores portuguezes do seculo passado, ao qual D. João V mandou aperfeiçoar-se em Roma.

Por occasião do consorcio do sr. D. Pedro V com a rainha, a sra. D. Estefania, foi restaurada esta capella com bastante dispendio.

A quinta e jardim d'este palacio, dispostos segundo o gosto moderno, possuem uma copiosa collecção de plantas exoticas, uma grande e sumptuosa estufa, que é a melhor que ha no nosso paiz, bellos lagos de variadas fórmas, muitos vasos e estatuas de marmore, devidos ao sinzel d'aquelles e d'outros artistas.

Este paço, onde em nossos tempos tem sido recebidos e hospedados muitos principes da maior parte das casas soberanas da Europa, está situado em uma posição elevada, sobranceira ao rio de Alcantara, e dominando grande extensão do Tejo e da cidade, pelo que se desfructa das suas janellas uma formosa perspectiva. A frente principal do palacio, com a capella, deita para um espaçoso largo plantado de arvores, e ornado com o mais elegante chafariz que tem Lisboa, todo de marmore côr de rosa e branco.

I. DE VILHENA BARBOSA.

MAESE PEREZ, O ORGANISTA

LENDA SEVILHANA

(VERSÃO DE BRITO ARANHA)

(Conclusão. Vid. pag. 132)

II

A egreja estava illuminada com profusão assombrosa; a torrente de luz, que se desprendia dos altares para esclarecer os seus ambitos, reflectia nas custosas joias das damas, ás quaes, ajoelhando nos coxins de veludo que os pagens lhes accommodavam e tomando o livro de orações das mãos de suas aias, formavam um brilhante circulo em volta do cruzeiro do templo. Junto ao cruzeiro, de pé, embuçados nas capas de côr, agaloadas de oiro, deixando entrever com estudada inadvertencia as veneras escarlates e verdes, com uma das mãos segurando o feltro cujas plumas beijavam as alcatifas, e com a outra nos sinzelados copos do espadim ou acariciando o cabo do marchetado punhal, os cavalleiros «vinte-e-quatro» com grande parte do melhor da nobreza sevilhana, pareciam formar uma barreira, destinada a defender suas filhas, irmãs ou esposas do contacto com a plebe. Esta, que se agitava no fundo das naves, com um rumor parecido ao do mar quando se encapella, prorompeu em uma acclamação de alegria, acompanhada do discordante som das gaitas e dos pandeiros, á chegada do arcebispo, o qual, depois de sentar-se junto ao altar-mór, debaixo de um solio de damasco, que os seus familiares cercaram, lançou por tres vezes a benção ao povo.

Era a hora de principiar a missa.

Decorreram, comtudo, alguns minutos, sem que o celebrante apparecesse. A multidão começava a agitar-se, demonstrando a sua impaciencia, os cavalleiros trocavam entre si algumas palavras a meia voz,

o arcebispo mandou á sacristia um de seus familiares inquirir o porquê não principiava a ceremonia.

— *Maese* Perez adoeceu, adoeceu mui gravemente, e será impossivel que assista hoje á missa da meia noite.

Esta foi a resposta do familiar.

A noticia diffundiu-se instantaneamente entre a multidão. Pintar o effeito desagradavel que produziu em todas as pessoas, seria coisa impossivel; seja bastante dizer-se que principiou a notar-se tal bulicio no templo, que o assistente se levantou, e os meirinhos entraram para impor silencio, confundindo-se entre as apinhadas ondas de povo.

N'aquelle momento, um homem mal trajado, sêcco, ossudo e ve[illegible]diantou-se até ao sitio em que estava o prelado.

— *Maese* Perez está doente — dissè — a ceremonia não póde começar; se permitte, eu tocarei o orgão na sua ausencia, que nem *maese* Perez é o primeiro organista do mundo, nem por sua morte deixará de usar-se este instrumento por falta de artistas...

O arcebispo fez um signal de assentimento com a cabeça, e já alguns dos fieis que conheciam aquelle personagem estranho por um organista invejoso, inimigo do de Santa Ignez, começavam a soltar exclamações de desgosto, quando de improviso se ouviu no adro um ruido espantoso.

— *Maese* Perez está aqui... *maese* Perez está aqui...

A estas vozes dos que estavam apinhados na porta, todos voltaram o rosto.

Maese Perez, pallido e conturbado, entrava com effeito na egreja, conduzido em uma cadeirinha, que todos se disputavam a honra de levar em seus hombros.

Os preceitos do medico, as lagrimas da filha, nada fôra sufficiente para o deter no leito...

— Não — tinha respondido — esta é a ultima... conheço-o, conheço-o, e não quero morrer sem visitar o meu orgão, e n'esta noite, principalmente, noite de Natal! Vamos, desejo-o, ordeno-o; vamos para a egreja.

A sua vontade satisfez-se; os fieis levaram-n'o em braços para a tribuna, e a missa começou.

N'aquelle instante soavam as doze horas no relogio da cathedral.

Passou o introito, o evangelho e o offertorio, e chegou o instante solemne em que o sacerdote, depois de havel-a consagrado, toma com a extremidade dos dedos a sagrada hostia e começa a elêval-a.

Uma nuvem de incenso que se desenvolvia em ondas azuladas encheu o ambito do templo, os sinos repicavam com tom vibrante, e *maese* Perez assentou as hirsutas mãos nas teclas do orgão.

As cem vozes de seus tubos de metal reboaram em accorde magestoso e prolongado que se perdeu pouco a pouco, como se uma refega de ar lhe arrebatasse os ultimos echos... a este primeiro accorde, que parecia uma voz que se elevava da terra ao ceo, respondeu outro longinquo e suave que foi crescendo, até se converter em torrente de assombrosas harmonias.

Era a voz dos anjos que, atravessando os espaços, chegava ao mundo. Depois começaram a ouvir-se uns hymnos distantes que as diversas jerarchias de seraphins entoavam; milhares de hymnos ao mesmo tempo, os quaes, ao confundirem-se, formavam um só, embora fosse tambem só um o acompanhamento de estranha melodia, parecendo fluctuar n'aquelle Oceano de accordes mysteriosos, como flocos de neve nas ondas do mar. Em seguida foram-se perdendo uns cantos, após outros; a combinação simplificava-se; eram, apenas, duas vozes, cujos echos se confundiam entre si, ficando uma desacompanhada para sustentar uma nota brilhante como fio de luz... o sacerdote inclinou a fronte, e por cima de sua cabeça veneranda, como através de gase azul simulada pelo fumo do incenso, appareceu a hostia aos olhos dos fieis; n'aquelle instante a nota que *maese* Perez sustentava abriu-se, e uma explosão de harmonia gigante abalou a egreja, em cujos angulos zunia o ar comprimido, e cujos vidros de côres estremeciam em seus estreitos caixilhos. De cada uma das notas que formavam aquelle soberbo accorde, se desenvolveu um thema; e uns proximo, outros longe, estes brilhantes, aquelles surdos, dir-se-hia que as aguas e as aves, as brisas e as arvores, os homens e os anjos, a terra e os ceos, cantavam cada qual em seu idioma, um hymno ao nascimento do Redemptor.

A multidão escutava attonita e suspensa; em todos os olhos havia uma lagrima, em todos os espiritos profundo recolhimento. O sacerdote que officiava, sentia tremer-lhe as mãos, pois O que levantava n'ellas, Aquelle a quem homens e archanjos saudavam era o seu Deus, e parecia-lhe ter visto abrirem-se os ceos e transfigurar-se a hostia. O orgão continuava soando; mas as suas vozes apagavam-se gradualmente, como voz que se perde de echo em echo, que se afasta e enfraquece ao afastar-se, quando se ouviu um grito na tribuna, um grito dilacerador e agudissimo, um grito de mulher. O orgão exhalou um soído discorde e estranho, simillhante a um soluço, e ficou mudo.

A multidão apinhou-se na escada da tribuna, para a qual, arrebatados ao seu extasis religioso, dirigiram a vista com anxiedade todos os fieis.

— Que succedeu? Que se passa? — perguntavam uns aos outros, ninguem sabia responder, e todos se empenhavam em adivinhal-o; augmentava a confusão e o alvoroço crescia espantosamente, ameaçando perturbar a ordem e recolhimento proprios da egreja.

— Que foi? — interrogavam as damas, voltando-se para o assistente, que, antecedido pelos meirinhos, foi dos primeiros a subir á tribuna, e que, pallido e manifestando profundo pezar, se dirigia ao sitio onde o arcebispo o esperava ancioso, como todos, por saber a causa d'aquella desordem.

— Que ha?!... Que *maese* Perez acaba de fallecer.

Com effeito, quando os primeiros fieis, depois de se atropellarem na escada, chegaram á tribuna, viram o pobre organista pendido sobre as teclas de seu velho instrumento, que ainda vibrava surdamente, em quanto sua filha, ajoelhando-lhe aos pés, debalde o chamava á existencia entre suspiros e soluços.

III

— Boas noites, minha senhora dona Balthasara; tambem vossa mercê vem esta noite á missa do gallo?... Por minha parte, fizera tenção de ir ouvil-a á parochia... mas o que succede... Onde vae S. Vicente? Onde vae toda a gente... E é preciso fallar verdade: desde que morreu *maese* Perez, parece que me lançam uma pedra no coração, quando entro em Santa Ignez... Coitado! Era um santo!... De mim sei dizer, que arrecadei e conservo um pedaço do seu gibão como reliquia, e merece-o... pois em Deus e na minha alma, que se o senhor arcebispo tivesse mão n'isso, é certo que os nossos netos o veriam nos altares... Mas como ha de ser? Mortos e idos, não tem amigos... Agora o que tem preferencia é a novidade... bem me entende... Que! não sabe nada do que se passa? Verdade, que nos parecemos n'esse ponto; da nossa casinha para a egreja, e da egreja para a nossa casinha, sem cuidarmos no que se diz, ou deixa de dizer... só eu, assim pelo alto, hei ouvido uma palavra aqui, outra alli, sem desejo de inteirar-me sequer, e por isso estou ao corrente de algumas novidades... Pois sim, senhor... Parece coisa feita, que o organista de S. Romão, aquelle vesgo, que sempre está apre-

goando maldades dos outros organistas; aquelle perdulario, que mais parece magarefe da porta da Carne, que mestre de solfa, vae tocar esta noite de Natal em logar de *maese* Perez... Saberá vossa mercê, porque isto sabe-o toda a gente e é coisa publica em Sevilha, que ninguem queria comprometter-se a fazel-o. Nem sua filha, que é professora, e depois da morte subita de seu pae entrou no convento de noviça. E era natural: costumados a ouvir aquellas maravilhas, qualquer outra coisa havia de parecer-nos má, embora se quizessem evitar as comparações. Quando já a communidade tinha decidido que, em honra do defuncto, e como demonstração de respeito pela sua memoria, permaneceria calado o orgão n'esta noite, eis que se apresenta o nosso homem, dizendo que se atreve a tocal-o... Nada ha mais atrevido que a ignorancia... de certo que a culpa não é d'elle, mas dos que consentem esta profanação... porém, assim vae o mundo... e vejam a gente que afflue... qualquer diria que nada mudou de um anno para o outro... Os mesmos personagens, o mesmo luxo, os mesmos empuxões á porta, a mesma animação no adro, a mesma multidão no templo... Ai, se o morto levantasse a cabeça! Tornaria a morrer, para não ouvir o seu orgão tocado por mãos similhantes. O que vale — se é verdade o que me disseram pessoas do bairro — é que preparam boa ovação ao intruso... Quando chegar o momento de pôr mão nas teclas, começará uma algaravia de gaitas, pandeiros e zabumbas, que não ha mais que ouvir... Olhe, olhe! Lá entra na egreja o heroe da funcção... Jesus, que vestuario tão matizado, que gorjal de canudos, que ares de personagem! Vamos, vamos, que ha já tempo que chegou o arcebispo, e vae principiar a missa... vamos, que me parece que esta noite ha de dar que narrar para muitos dias.

Dera-se principio á ceremonia.

O templo estava tão brilhante como no anno anterior.

O novo organista, depois de atravessar por meio dos fieis que occupavam as naves para ir beijar o annel do prelado, subíra á tribuna onde tocava uns após outros os registos do orgão com uma gravidade tão affectada como ridicula.

Entre a gente miuda que se apinhoava aos pés da egreja ouvia-se um rumor surdo e confuso, presagio certo de que a tempestade se condensava e não tardaria muito em se manifestar.

— É um truão, que para nada fazer bem feito, nem sequer olha direito — diziam uns. — É um ignorante que depois de ter posto o orgão da sua parochia peior que a matraca, vem profanar o de *maese* Perez — diziam os outros; e em quanto este se desembaraçava do capote para se preparar a dar rijamente no pandeiro, aquelle ajustava as gaitas, todos se dispunham a fazer bulha do melhor modo, e só algum mais imparcial e pacifico se aventurava a defender, embora com tibieza, o estranho personagem, cujo porte orgulhoso e pedantesco fazia tão notavel contraposição com a modesta apparencia e affavel bondade do defuncto *maese* Perez.

Chegou em fim o esperado momento, momento solemne em que o sacerdote, depois de inclinar-se e murmurar algumas palavras santas, tomou a hostia em suas mãos... as campainhas soaram, os sinos repicaram, similhando no repique uma chuva de notas de cristal; elevaram-se as diaphanas ondas do incenso e ouviu-se o orgão...

Estrondosa algaravia encheu os ambitos do templo n'aquelle instante e afogou o primeiro accorde.

Zabumbas, gaitas, pandeiros, e outros instrumentos da plebe toaram discordantes vozes ao mesmo tempo, mas a confusão e o estrepito duraram apenas segundos; todos, como haviam começado, emmudeceram de subito.

O segundo accorde, amplo, cheio, magnifico, sustentava-se ainda brotando dos tubos de metal do orgão, como manancial de harmonia inesgotavel e sonora.

Cantos celestes como os que acariciam os ouvidos em momentos de extasis, cantos que o espirito comprehende e os labios não podem repetir; notas soltas de uma harmonia longinqua, que sôa por intervallos, trazidas nas refegas do vento; rumor de folhas que se beijam nas arvores com murmurio similhante ao da chuva; trinos de gorriões, que se levantam gorgeando de entre as flores como setta despedida contra as nuvens; fragores sem nome, tremendos como os rugidos da tempestade; coros de seraphins, sem rhythmo nem cadencia; ignota musica do ceo que só a imaginação comprehende; hymnos [illegible], que pareciam remontar-se ao throno do Senhor como tromba de luz e de sons... tudo exprimiam as cem vozes do orgão, com mais superioridade, com mais mysteriosa poesia, com um colorido mais phantastico que nunca.

. . . .

Quando o organista desceu da tribuna, a multidão que se agrupou na escada foi tanta, e tamanha a anxiedade para o ver e admirar, que o juiz temendo, não sem motivo, que o afogassem no meio d'aquella turbamulta, ordenou a alguns de seus meirinhos que de vara na mão fossem abrindo caminho ao artista até chegar ao altar-mór, onde o prelado o esperava.

— Bem vêdes, — lhe disse este ultimo quando o trouxeram á sua presença; —vim de proposito do meu paço para vos ouvir; sereis tão cruel como *maese* Perez, que não quiz nunca evitar-me o incommodo tocando n'esta noite na missa da cathedral?

— Para o anno que vem — respondeu o organista — prometto dar-vos esse gosto, visto que por todo o oiro da terra não voltaria a tocar este orgão.

— E por que? — interrompeu o prelado.

— Porque... — acrescentou o organista, procurando dominar a commoção que se lhe revelava na pallidez do rosto; — porque é velho e mau, e não póde expressar tudo o que se deseja.

O arcebispo retirou-se, seguido de seus familiares; umas após outras as liteiras dos senhores foram desfilando e perdendo-se na tortuosidade das ruas visinhas; os grupos do adro dissolveram-se, dispersando-se os fieis em varias direcções, e já a rodeira se dispunha a fechar as portas da entrada do adro, ainda se divisavam duas mulheres que, depois de se persignarem e murmurarem uma oração diante do retabulo do arco de S. Filippe, proseguiram o seu caminho, internando-se na rua das Donas.

— Que quer vossa mercê, minha sra. D. Balthasara — dizia uma d'ellas — eu sou d'este genio... Cada doido com a sua mania... Poder-m'o-hiam assegurar capuchinhos descalços, e não o acreditaria... Esse homem não póde haver tocado o que ouvimos... Se eu o escutei mil vezes em S. Bartholomeu, que era a sua parochia, d'onde teve que despedil-o o sr. cura por não convir, e era coisa de tapar os ouvidos com algodão... Depois, se não ha mais que ver-lhe o rosto, que, segundo se diz, é o espelho da alma... Lembro-me — coitado! — como se o víra, lembro-me da cara de *maese* Perez, quando em noites como esta descia a tribuna, depois de ter extasiado o auditorio com os seus primores... que sorriso tão bondoso, que semblante tão animado; era velho e parecia um anjo... não que este desceu as escadas cambeteante, como se alguem o acossasse, e com uma côr de defuncto e umas... Vamos, minha sra. D. Balthasara, creia-me vossa mercê, e creia-me deveras... Suspeito que ha aqui busilis...

Commentando as ultimas palavras, as duas mulheres voltavam a esquina da rua e desappareciam.

Julgâmos inutil dizer ao leitor amigo quem era uma d'ellas. Conhece-a já.

IV

Decorreu mais um anno.

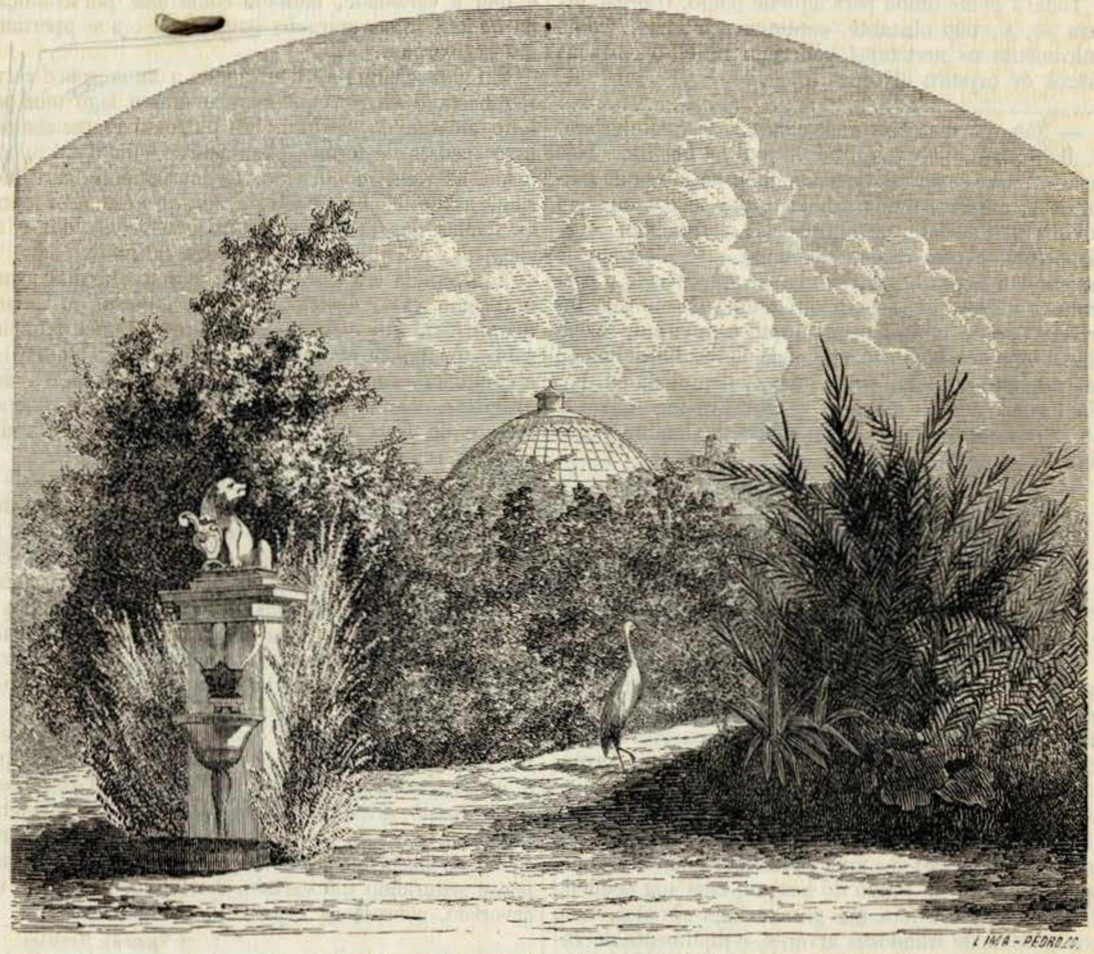
A abbadeça do convento de Santa Ignez e a filha de *maese* Perez fallavam em voz baixa, meio occultas entre as sombras do côro da egreja; os sinos da torre chamavam os fieis; raras pessoas atravessavam o adro, d'esta vez silencioso e deserto, e depois de tomarem a agua benta na porta, escolhiam logar em um canto das naves, onde alguns moradores do bairro esperavam tranquillamente que principiasse a missa do gallo.

— Observae — dizia a superiora — que o vosso receio é pueril; ninguem ha no templo; Sevilha inteira afflue esta noite á cathedral; tocae o orgão, e tocae-o sem desconfiança de nenhuma especie, estaremos em communidade... mas... continuaes silenciosa, sem que cessem os vossos suspiros. Que é isso? Que tendes?

— Tenho... medo — exclamou a joven com inflexão profundamente commovida.

— Medo! de que?

— Não sei... de uma coisa sobrenatural... hontem á noite... reparae, ouvíra-vos dizer que tinheis empenho em que tocasse o orgão na missa, e orgulhosa com esta distincção pensei em arranjar os registos e



Real quinta das Necessidades — Desenho de Barbosa Lima

afinal-o, com o intento de vos surprehender hoje... vim para o coro... só... abri a porta que conduz á tribuna... No relogio da cathedral soava n'aquelle momento uma hora... não sei qual, porém as pancadas do martello eram tristissimas e muitas... muitas... estiveram soando todo o tempo que permaneci como pregada no umbral, e aquelle tempo pareceu-me um seculo.

A egreja estava deserta e escura... alli... ao longe, no fundo, brilhava como estrella perdida no ceo da noite, uma luz moribunda... a luz da lampada que arde no altar-mór... á claridade de seus debeis reflexos, que só contribuiam para tornar mais visivel todo o profundo horror das sombras, vi... vi-o, madre abbadeça, não duvideis; vi um homem que em silencio e com as costas voltadas para o sitio em que eu estava, precorria com uma das mãos as teclas do orgão, em quanto com a outra ajustava os registos... e o orgão soava; mas soava de um modo indescriptivel. Cada uma de suas notas parecia um soluço afogado dentro do tubo de metal, que vibrava com o ar comprimido no seu vacuo, e reproduzia o tom, surdo mas justo.

O relogio da cathedral continuava dando a hora, e aquelle homem seguia precorrendo o teclado. Eu ouvia até a sua respiração.

O pavor gelára-me o sangue nas veias, sentia no corpo um frio glacial, e a cabeça esbraseava-se-me... Então quiz gritar, quiz gritar, mas não pude; aquelle homem voltára o rosto e olhava-me... ou, antes, não me havia olhado porque era cego... Era meu pae!!

— Ora essa, irmã! Repelli taes phantasias com que o inimigo mau procura turvar as imaginações fracas... Rezae um Padre Nosso e uma Ave-Maria ao archanjo S. Miguel, chefe das milicias celestiaes, para que vos assista contra os maus espiritos; trazei ao collo um escapulario tocado na reliquia de S. Pacomio, advogado contra as tentações, e ide, ide occupar a tribuna do orgão. A missa vae principiar, e os fieis estão esperando com impaciencia... Vosso pae está no ceo, e d'alli, antes que a assustar-vos, descerá a inspirar sua filha n'esta ceremonia solemne, para elle objecto de tão especial devoção.

A abbadeça foi occupar a sua cadeira no coro no

meio da communidade; a filha de *maese* Perez abriu com mão temerosa a porta da tribuna para se sentar no banquinho do orgão, e começou a missa.

A missa principiou e proseguiu sem que occorresse nada de notavel até que chegou á consagração. N'aquelle instante soou o orgão, e ao mesmo tempo um grito da filha de *maese* Perez...

A superiora, as freiras e alguns dos fieis, correram á tribuna.

—Vejam-n'o, vejam-n'o! — dizia a joven, fitando olhos pasmados no banquinho, d'onde se erguêra assombrada para se agarrar com mãos convulsas á varanda da tribuna.

Toda a gente olhou para aquelle ponto. O orgão estava só, e, não obstante, continuava a soar... como unicamente os archanjos poderiam imital-o em seus rasgos de mystico alvoroço.

. . . .

— Não vos disse eu uma e mil vezes, minha sra. D. Balthasara, não vos disse... aqui ha busilis... Pois veja-o... Que! não estivestes hontem na missa do gallo? Mas, em fim, tereis sabido o que se passou; em Sevilha não se falla de outra coisa... O senhor arcebispo está, e com razão, furibundo... ter deixado de assistir em Santa Ignez; não haver presenciado o portento... e para que? para ouvir uma desentoada incrivel; porque muitas pessoas que o ouviram, dizem que o que fez o ditoso organista de S. Bartholomeu na cathedral, não foi outra coisa... Bem dizia eu. Podia tocar d'aquelle modo o vesgo? Era impossivel... Alli havia coisa... e era, com effeito, a alma de *maese* Perez.

REAL QUINTA DAS NECESSIDADES

Esta quinta, obra tambem del-rei D. João v, foi feita ao mesmo tempo que se construiam os paços e o convento contiguos.

Constava então, segundo o gosto da epocha, de um jardim decorado de estatuas e vasos de marmore, com seu lago no meio; de compridas ruas de bosque, perfeitamente alinhadas, cruzando-se, e encontrando-se em diversos largos não muito espaçosos, onde formavam uma estrella, da qual cada rua era um raio; de pomares de laranja, e outras frutas nos espaços que as ruas deixavam livres, mas encaixilhados em arvoredo silvestre; de uma horta ajardinada; de uma casa de regalo no fundo do bosque, com sua pequena cascata dentro, e fóra um grande lago circular, tudo assombrado de frondosas arvores, e finalmente de varias obras de ornato, taes como algumas fontes, e dois porticos, a um dos quaes, levantado na entrada da rua principal da quinta, ornou engraçadamente o architecto com duas taças de repuxo, collocadas na parte superior do portico, uma de cada lado.

Passado um seculo tudo isto se achava na mesma disposição. Durante este periodo o palacio de Nossa Senhora das Necessidades tinha mudado muitas vezes de destino, como dissemos em outro logar, e teve não poucas mudanças interiores. Porém a quinta conservou a sua fórma primitiva até ao segundo consorcio da sr.ª D. Maria ii, de honrosa memoria.

Principiou então para esta real quinta uma epocha nova. Em poucos annos operou-se n'ella uma tranformação, dirigida pelo gosto apuradamente artistico delrei o Sr. D. Fernando.

Se el-rei D. João v resuscitasse, e alli fosse, acharia ainda as extensas ruas de arvoredo que mandou plantar, os mesmos lagos, porticos, estatuas, vasos, e mais obras com que decorou a sua quinta. Porém, a par das antigas feições que caracterisam a monotonia da vida e a estabilidade do pensamento da nação sob o sceptro d'aquelle monarcha, veria as variadas idéas do progresso, que distinguem a geração actual, representadas na disposição graciosa e variadissima dos melhoramentos que ahi se tem effeituado.

Nas novas ruas da quinta não se cança a vista, contemplando sempre as mesmas coisas em toda a sua extensão. Dispostas como em volta de cobra, são orladas de tanta diversidade de arvores, arbustos e plantas rasteiras, que a cada passo se prendem e enlevam os olhos na formosura das flores, ou na exquisita folhagem de plantas exoticas.

Os novos lagos não são formados por paredes de marmore uniformes, mais ou menos profusamente lavradas. Retratando a natureza, são bellos como ella; e tem a variedade, tambem como ella, por condição da belleza. Suas margens irre[illegible]s ora se apertam, ora se alargam.

Em uns espraia-se docemente a agua sobre relva tão basta e viçosa, que parece que o lago tem por leito alcatifa de verdura. Em outros é reprezada por essas pedras de fórmas phantasticas, que o sol tostou e que as vagas do Oceano, ordinariamente, carcomeram, assimilhando-as a brincadas rendas. Por entre as fendas das pedras enlaçam-se os *convolvos* e as *epomeas;* e d'alli se debruçam as *petunias.*

Aqui, onde era d'antes uma clareira, avulta agora um como vasto açafate cheio de *azaleas*, *gardenias* e *camelias*. Alli eleva-se garbosamente uma palmeira sobre um tapete de *verbenas* multicôres. Além realça e contrasta a ramagem recortada das *araucarias* e das *grevilias*, com as grandes folhas lustrosas das *magnolias*, e do *ficus elastica*, em uns logares solitarias, n'outros reunidas em bosque.

Do meio d'esta pomposa vegetação uma grande e formosa estufa ergue a sua esbelta cupula acima das mais altas arvores. Mandou-a fazer o sr. D. Pedro v, de saudosissima recordação, pouco antes do seu casamento. É de ferro esta estufa, e segundo cremos, foi fabricada nas officinas da sr.ª viuva Bachelay, na rua da Boa-Vista. Acha-se povoada de muitas plantas raras, que, reunidas ás mais que a quinta encerra, constituem uma das melhores collecções de botanica que actualnente ha no paiz.

A real quinta das Necessidades offerece ao desenhador muita variedade de lindas perspectivas. A que a nossa gravura representa dá boa idéa d'essas bellezas, meio artisticas, meio naturaes. No primeiro plano da gravura vê-se um pedestal de marmore, tendo na base uma fonte, e por corôa um leão rompente segurando um escudo. No fundo, por detraz do arvoredo, sobresae a cupula da grande estufa.

I. de Vilhena Barbosa.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

PAZ ENTRE PORTUGAL E HESPANHA EM 1668

(Vid. pag. 131)

A maior parte dos membros do conselho de estado affectava participar das razões de Saint-Romain, mas todos diziam, que pelos termos da carta em que o conde de Sandwich avisava da sua viagem, não podiam negar-se a recebel-o. Attenderiam comtudo particularmente aos seus poderes e ao seu procedimento.

Esta proposta de paz não podia sobrevir em tempo peior para o partido francez. A rainha de Portugal estava n'um convento, esperando a decisão do processo de nullidade do seu matrimonio, e não communicava com o principe senão por intermedio de portuguezes. O principe, pelo seu lado, occupado em fundar nos Tres-Estados a sua auctoridade e dignidade, era levado a contemporisar com o povo de Lisboa e com os deputados da provincia, que todos desejavam a

paz, para se alliviarem dos tributos de que estavam sobrecarregados.

No dia 12 de tarde fallou o enviado francez ao infante no mesmo sentido em que tinha fallado aos conselheiros de estado, ácerca dos ministros de Inglaterra. O infante pareceu reflexionar; asseverou de novo que nada faria contra a alliança franceza, e propoz que se escrevesse a el-rei de França, para que enviasse a Lisboa poderes ou plenipotenciarios para tratarem a paz, pois que já os havia aqui da parte de Hespanha, e vinha mediador em caminho. Esta proposta agradou a Saint-Romain. Compromettido o infante a não tratar coisa alguma sem os plenipotenciarios francezes, podiam entretanto dissolver-se as cortes e chegar o tempo da campanha.

O abbade conheceu que este compromisso não sería solido se fizesse para França a proposta fundado n'uma simples ordem vocal. Para fortificar o principe n'este alvitre dizia-lhe, que Luiz XIV estava prompto a tratar a paz em qualquer parte, e para isso, de boa vontade e sem demora, enviaria plenipotenciarios, mas que não era um enviado como elle que devia propor-lh'o, antes pedia o caso que S. A. o convidasse a isso pelo embaixador que para França destinava, ou por algum gentilhomem enviado expressamente, no caso do embaixador não estar em estado de partir promptamente.

Quando o abbade saiu da audiencia do principe, consultou sobre o caso muitos dos conselheiros de estado que estavam no paço. Na despedida o marquez de Marialva o tomou de parte, e lhe asseverou que o infante enviaria, como lh'o propozera, um gentilhomem a França; proposta cuja prudencia o marquez louvava muito, porque prendia e obrigava D. Pedro solemnemente, ainda que para governar o povo e os deputados fosse preciso dizer continuamente que se queria a paz.

É do dia 13 esta resposta, que o secretario de estado deu á anterior memoria de Saint-Romain:

«Ly a S. A., que Deus Guarde, estes papeis de V. S., e particularmente o em que V. S. juntou a copia do 7.º capitulo da Liga, e manda-me dizer a V. S. da sua parte, que sem que V. S. lh'o lembrasse estava muito advertido d'este capitulo, e da obrigação que tem de se não desunir de França em materia tão grave, ainda não havendo a obrigação da Liga, quanto mais depois d'ella celebrada. Mas porque o negocio da paz está mais adiantado por esta parte, que pela de França, pois se acham n'esta corte mediadores e plenipotenciarios, parecia conveniente que S. M. christianissima enviasse poderes para, por sua parte e com sua assistencia, se poder tratar este negocio tão grande, e que V. S. o escreva assim a S. M. christianissima, em quanto não parte um expresso a Paris, que S. A. fica mandando despachar. Deus guarde a V. S. muitos annos. Do Paço a 13 de janeiro de 1668. Muito obrigado servidor de V. S. Pedro Vieira da Silva.»

Esta resposta encheu de alegria o abbade. Considerou bem o estado dos negocios, conferiu com o conde de Schomberg, com Gravier, e com todos os amigos, e a final respondeu na seguinte memoria ao infante, expedindo copias d'ella, simultaneamente, a todos os conselheiros de estado:

«Senhor: — Recebi com alegria o aviso que V. A. me mandou dar, de que havia aqui poderes de Castella; que vinha um mediador para tratar da paz; e que em quanto não parte um gentilhomem que V. A. envia a França ácerca d'este objecto, avisasse d'isto el-rei meu amo, julgando V. A. a proposito, por bem da paz commum, que S. M. christianissima envie tambem seus poderes e plenipotenciarios. Asseguro a V. A. que S. M. os enviará sem demora, onde quer que isso seja necessario, e que empregará toda a casta de diligencias e facilidades para adiantar esta felicidade; e se os castelhanos procedem n'isto com a mesma franqueza, cedo se terá paz, e V. A. a gloria de a haver procurado. Se os castelhanos offerecendo a paz a Portugal, que só lhe faz uma guerra defensiva, não quizessem ao mesmo tempo fazel-a tambem com a França, que lh'a faz offensiva e muito mais perigosa, e que está em estado de fazer ainda grandes conquistas na proxima campanha; sería isso signal certo de que não obravam sinceramente, e que o seu designio era dividir os dois reinos, e fazer hoje uma paz particular com Portugal e ámanhã outra com a França, para recomeçar a guerra contra Portugal só, ao qual é bem sabido que, por muitas razões, se não crêem obrigados a guardar nenhuma fé ou palavra.

«Para lhes tirar, senhor, toda a esperança de conseguirem este designio, e leval-os a uma boa paz, peço que, conforme o tratado de alliança, V. A. disponha as coisas de modo, que nada se trate em quanto os plenipotenciarios de França não estiverem presentes, a fim de que, tanto a França como Portugal, possam em breve, com honra e gloria de toda a nação portugueza, gozar ambas de boa e segura paz. — Em Lisboa, 14 de janeiro de 1668.»

No dia 17 Saint-Romain enviou tambem ao senado da camara de Lisboa copias da memoria, e do que dissera ao secretario de estado: distribuiu-as profusamente a todos os deputados, ás pessoas de consideração, e aos conventos. Procurava persuadir a todos que o rei de França, longe de querer retardar a paz, como os inimigos d'elle publicavam, a desejava, e fazia da sua parte quanto podia para a adiantar. O senado recebeu bem as memorias, e Francisco de Sá, que presidia n'esse dia, foi encarregado de as agradecer ao abbade. Tambem o juiz do povo, com quatro procuradores dos mesteres, teve egual commissão, que foi logo cumprir. Estes procuradores suppunham que outr'ora houvera um tratado secreto entre a França e Portugal, ao qual aquella tinha faltado pela paz dos Pyreneos. O abbade procurou desvanecer-lhes esta apprehensão.

— O povo (disse o juiz a Saint-Romain) pensa que vós quereis impedir a paz. Diz-se que tendes espalhado para tal fim grande quantidade de dobrões, mas acrescenta-se, que com esse dinheiro de corrupção comprarão lenha para queimar quem o dá e quem o recebe.

— Julgae por essa falsidade o que valem todos os boatos com que os castelhanos tem enchido a cidade (replicou o abbade).

Depois de longa conversação entre este e a deputação popular, separaram-se. Pareciam ficar todos amigos. Foram estas as ultimas palavras proferidas pelos mesteres:

— Reconhecemos que a forte e viva guerra que el-rei de França faz aos castelhanos os força a virem offerecer a paz a Portugal. Mesmo quando não devessemos á França outra obrigação que a de nos haver dado a nossa rainha, nunca poderiamos testimunhar-lhe o reconhecimento devido.

Saint-Romain tinha dotes para attrahir. O juiz do povo fallou bem d'elle na assembléa dos vinte-e-quatro, acrescentando que se não podiam dispensar de ter n'este caso attenção com os interesses da França. Depois, a um dos amigos do abbade dizia que, quando elle se retirasse, desejava confiar-lhe um de seus filhos, para que lhe fizesse ver a França. Tal era a fascinação que o subjugava!

A circulação publica das memorias de Saint-Romain com a declaração de que a França estava prompta a tratar por toda a parte a paz, fel-as bem acceitas, e os mais razoaveis opinavam que nada se tratasse sem Luiz XIV ao menos ser ouvido.

No mesmo dia 17 soube o abbade da bocca do duque de Cadaval que o infante escolhêra Duarte Ribeiro

de Macedo para a enviatura de França, nomeação que fôra annunciada quando, na vespera á noite, saíam do conselho.

Duarte Ribeiro já tinha estado em França como secretario da embaixada do conde de Soure. Agora era addicto ao duque de Cadaval, e sob as suas ordens dirigia o processo de annullação do matrimonio da rainha. Todos lhe reconheciam bom espirito, moderação e capacidade para negocios. A rainha e as pessoas da corte o estimavam. Saint-Romain propunha ao seu governo que o recebesse bem, e mesmo o attrahisse com alguma gratificação. Regulava-se pelo exemplo de Hespanha, onde tinham ganho assim o conde de Sandwich e Southwell, e injuriava imprudentemente o caracter de Duarte Ribeiro, como mais tarde injuriava outros, suppondo-os capazes de cederem áquelle meio.

A animosidade de Southwell, e de todos os inglezes residentes em Lisboa, era grande contra os francezes; com o maior ardor excitavam o povo e os deputados ás cortes a favor da paz, contra os subditos de Luiz XIV, e contra o seu ministro em particular: por todas as lojas e praças publicavam que a França não queria a paz, e que o abbade a contrariava com todas as forças. Punham principal esperança nas cortes, no povo, e por ultimo na sedição. Antevendo que se lhes dizia a principio que nada se trataria sem a Franca, os inglezes não occultavam a intenção que tinham de declarar ao governo portuguez, que se dentro de quinze dias não acceitasse a paz que offereciam, não haveria nem mais negociação nem mais paz. Por estes meios preparavam os animos d'uns para a pressão, d'outros para cederem a ella.

Isto explica facilmente o grande empenho que Saint-Romain poz em obter do infante as promessas que o leitor já conhece, e em declarar e publicar as boas intenções do rei christianissimo para o adiantamento e conclusão d'esta paz. Comtudo, nem assim devia considerar dissipados todos os receios.

Lavrava já tamanha diversidade de opiniões ácerca do titulo que se daria ao infante, se o de rei se o de regente, que isto podia concorrer para dividir ainda mais os portuguezes.

No estado em que então estavam as relações da França com a Inglaterra, o procedimento dos ministros inglezes, não auctorisado por nenhuma nova ordem de seu amo, parecia estranho e temerario ao partido francez, mesmo incivil, mesmo hostil tanto a D. Pedro como a Luiz XIV. Apregoavam-no assim por toda Lisboa, e appellavam por ultimo para a França, que se queixasse ao rei de Inglaterra, pelo que na peninsula obravam os seus agentes diplomaticos.

No dia 21 publicou-se que de tarde chegaria á outra-banda do Tejo o embaixador de Inglaterra, e que no dia seguinte passaria á margem do norte e a Lisboa. O perigo para os interesses que Saint-Romain representava aproximava-se. Correu a interpellar o secretario de estado sobre o objecto. Achou-o bem disposto: promettia, mal o embaixador fallasse de paz, perguntar-lhe se trazia poderes para a tratar conjunctamente com a França, declarando que Portugal não queria paz particular. Protestava a Saint-Romain que na continuação d'este negocio nada se passaria de que elle não fosse logo informado segundo a obrigação do tratado. O que valeriam estas promessas já o abbade parecia adivinhal-o, quando na mesma occasião dizia á sua corte: — «ha muito tempo que tenho grande motivo para duvidar da boa fé de Pedro Vieira.»

Na manhã de 22 [1] chegou com effeito a Lisboa o embaixador inglez, vindo de Hespanha por terra, e foi desembarcar, em companhia de Southwell, no extremo da cidade. Ao saltarem em terra, Southwell tomou nas mãos uma pequena caixa, e mostrando-a ao povo, lhe disse em alta voz:

— Aqui está o remedio dos vossos males, e a vossa consolação!

Em logar de irem por fóra da cidade para a habitação que ao embaixador estava preparada no outro extremo, atravessaram Lisboa para se mostrarem aos povos, e receberem d'elles acclamações, que effectivamente foram grandes. Muitos inglezes, misturados com a multidão, excitavam-na com o exemplo, e todos gritavam:

— Viva a paz, e quem a traz!

Preoccupado, mas diligente, todo esse dia passou Saint-Romain em visitas aos conselheiros de estado. Quando á noite se recolhia achava em casa este bilhete de Pedro Vieira:

«Sirva-se V. S. de querer accommodar com o senhor Gravier a entrega do dinheiro dos nossos soccorros que estão vencidos, porque nos faz falta para as disposições da campanha futura. — Deus guarde a V. S. muitos annos. Do paço, a 22 de janeiro 1668. Muito obrigado servidor de V. S. — Pedro Vieira da Silva.»

Effectivamente o thesouro estava sem dinheiro; dissera-se mesmo que para se preparar residencia ao embaixador inglez emprestára o duque de Cadaval mil cruzados. Sería intenção do secretario de estado haver da França alguma somma para gastar n'esta occasião, ou achar pretexto para se queixar? Convencido de que a França nada devia então do subsidio estipulado, mas querendo poupar disputas em tão melindrosa occasião, o abbade, de accordo com Gravier, respondeu n'estes termos:

«Hontem pela manhã fui ao paço com o senhor Gravier em busca de V. S., para lhe fallar nos subsidios de dinheiro, segundo o bilhete que V. S. me enviou ante-hontem á noite, e por não acharmos a V. S., envio-lhe este escripto, para lhe dizer que o senhor Gravier, não sabendo tudo o que se pagou adiantado em França por ordem dos ministros do governo passado, está prompto para entrar n'estas contas, e para satisfazer ao que se achar ser devido, conforme reza o tratado. Eu me verei esta tarde com V. S., a quem Nosso Senhor guarde muitos annos. De casa, aos 24 de janeiro 1668.»

É notavel que, depois d'esta resposta, o secretario de estado não soltasse mais palavra a tal respeito!

(Continúa) José de Torres.

[1] Erradamente se extractou do archivo dos negocios estrangeiros de França o que no vol. VI de *Portugal* se lê a este respeito; erro que porventura passou do extracto para o *Quadro elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal*, vol. XVIII, pag. 98, onde se diz, que o embaixador de Inglaterra entrou em Lisboa a 25 *de janeiro*. Entrou a 22.

ENIGMA



Explicação do enigma do n. 14

Era sem copos a espada do condestavel.